



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Fundamentos, Formação e Trabalho Profissional.

Sub-Eixo: Ênfase em Formação Profissional.

A COMPREENSÃO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO CAMPO DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL

Luciana Gonçalves Pereira de Paula¹

Nicole Cristina Oliveira Silva²

Maria Ayumi Antunes Sato³

Resumo: O artigo trata a relação teoria e prática na formação profissional em Serviço Social. Traz uma apresentação da pesquisa realizada; reflexões sobre o Serviço Social e a formação dos assistentes sociais; debate sobre teoria e prática; análise da pesquisa realizada; considerações finais que indicam a necessidade do trato transversal dessa temática na formação profissional dos assistentes sociais.

Palavras chaves: Serviço Social; relação teoria e prática; formação profissional.

Abstract: The article deals with the relation theory and practice in professional training in Social Work. Brings a presentation of the research done; reflections on Social Work and the training of social workers; debate on theory and practice; analysis of the research carried out; final considerations that indicate the need for transversal treatment of this theme in the professional training of social workers.

Keywords: Social Work; relation theory and practice; professional qualification.

Introdução

O presente artigo apresenta resultados parciais da pesquisa científica intitulada “Estratégias e táticas no campo do Serviço Social: reflexões sobre a formação acadêmica e o trabalho profissional do/a assistente social”, realizada no Grupo de Estudos e Pesquisas dos Fundamentos do Serviço Social (GEPEFSS) na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (FSS/UFJF)⁴.

O objetivo central da pesquisa é identificar, tanto no processo de formação, quanto no âmbito do exercício profissional, como vem se construindo o debate e a elaboração das estratégias e táticas profissionais no campo do Serviço Social.

Essa pesquisa empírica, de caráter qualitativo, vem sendo desenvolvida pelos componentes do GEPEFSS entre os anos de 2016 e 2019. A mesma foi submetida e aprovada junto ao Comitê de Ética para pesquisa com seres humanos da Universidade

¹ Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

² Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: lugppaula@gmail.com.

⁴ Essa pesquisa integrou o Plano de Estágio Pós-doutoral de uma das autoras, realizado no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Federal de Juiz de Fora. Os procedimentos metodológicos envolveram entrevistas estruturadas realizadas com alunos formandos, ao longo desse período, bem como com assistentes sociais, alunas no Curso de Especialização oferecido pela FSS/UFJF, a partir de 2017. No entanto, apenas parte dos resultados obtidos com essa pesquisa serão apresentados e debatidos neste artigo.

Nosso recorte trabalhou com as entrevistas realizadas junto a trinta e um alunos formandos (alunos do oitavo período diurno e do nono período noturno), da FSS/UFJF, no período de agosto a dezembro dos anos de 2016 e 2017 (segundo semestre letivo da UFJF). Junto a esses alunos foram realizadas entrevistas que abarcaram quinze questões sobre diversas temáticas, indo desde a relação entre a teoria e a prática, até a construção de estratégias político-profissionais e táticas técnico-operacionais no trabalho desenvolvido pelos/as assistentes sociais. Essas entrevistas foram, posteriormente, transcritas e analisadas à luz do método materialista histórico dialético.

Para este artigo, em especial, abordaremos a análise da questão que indagou os alunos sobre a relação entre a teoria e a prática. Nossa hipótese consiste em considerar que, apesar dos grandes avanços no campo da produção de conhecimento, com a publicação de teses e obras importantes sobre essa temática, a mesma ainda não se encontra devidamente apreendida pelos nossos alunos.

Desse modo, o presente artigo se desdobrará em quatro partes que apresentam: algumas breves reflexões sobre o desenvolvimento do Serviço Social, no Brasil, e sobre o processo de formação dos assistentes sociais; alguns apontamentos sobre o debate teórico-metodológico acerca da relação entre teoria e prática, no campo do Serviço Social; a análise da pesquisa realizada com discentes de Serviço Social da FSS/UFJF; considerações finais que indicam a necessidade do trato transversal dessa temática no processo de formação profissional dos assistentes sociais.

O Serviço Social e a formação profissional do assistente social

No período de gênese e institucionalização do Serviço Social, no Brasil, a profissão foi requisitada, pelo Estado e pela classe dominante para exercer funções de “ajustamento” e “disciplinarização” ético-moral (BACKX, 1994) sobre a classe trabalhadora, a fim de adequá-la às necessidades de desenvolvimento do modo de produção capitalista em sua fase monopolista (ORTIZ, 2010). Em sua origem, o Serviço Social, por meio de sua intervenção profissional, foi um agente estratégico de disseminação dos padrões e valores burgueses precisos à sociabilidade capitalista. Os objetivos profissionais do Serviço Social articulavam-se aos interesses da classe dominante, que visava conter ameaças do movimento operário, evitando questionamentos à ordem estabelecida. Esse afinamento de

interesses entre o Serviço Social e os estratos altos da sociedade influenciava diretamente nas primeiras estratégias político-profissionais desempenhadas pelas assistentes sociais.

Contudo, observando a trajetória histórica do Serviço Social, em nosso país, é fundamental pontuar que essa profissão se modifica em articulação com os processos sociais que se desenvolvem ao longo do século XX, alterando, tanto sua imagem social, quanto a autoimagem de seus agentes (ORTIZ, 2010). O processo de Renovação do Serviço Social brasileiro, sob a vigência da autocracia burguesa nas décadas de 1960 e 1970, é elucidativo dessas mudanças.

Neste esteio, cabe ressaltar o processo de ruptura com o conservadorismo, no contexto de crise da ditadura civil-militar-empresarial (NETTO, 2010), que processou profundas alterações no Serviço Social nacional. Destacamos aqui, como expressão concreta deste movimento, o IIIº Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), realizado em 1979 - historicamente conhecido como “Congresso da Virada”. Esse congresso engendrou debates e reflexões que desaguaram no estabelecimento de uma direção social articulada com os anseios e as demandas da classe trabalhadora, expressas, por exemplo, na Reforma Curricular de 1982 e no Código de Ética de 1986.

As discussões realizadas desde então ganharam maturação na década de 1990, expressando-se materialmente no Código de ética de 1993 e nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social) de 1996, que apontam a necessidade de formação de um perfil profissional com

capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a apreensão teórico-crítica do processo histórico como totalidade. Considerando a apreensão das particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social na realidade brasileira. Além da percepção das demandas e da compreensão do significado social da profissão; e o desvelamento das possibilidades de ações contidas na realidade e no exercício profissional que cumpram as competências e atribuições legais (ABEPSS, 2014, p. 2-3).

Percebe-se, desse modo, que o Serviço Social possui diversas dimensões que dialogam entre si e constituem o exercício profissional. Uma delas é a técnico-operativa, que é responsável pelo “modo de aparecer” da profissão, caracterizando o Serviço social como uma profissão interventiva (GUERRA, 2012). Essa dimensão não pode ser vista de forma autônoma e desconectada da dimensão teórico-metodológica, nem da ético-política, porque ela sozinha não é capaz de fornecer as respostas qualificadas para a necessária intervenção na realidade social na qual a profissão está inserida.

A formação profissional, portanto, possui a função de articular essas três dimensões, ao longo da trajetória acadêmica dos/as futuros/as assistentes sociais, para a construção de um perfil profissional capaz de fornecer respostas aos dilemas mais latentes de nossa

sociedade. Desse modo, é imprescindível que os/as profissionais possam articular seu arcabouço teórico-metodológico, acumulado no processo de formação, com as questões que estão postas na realidade, compreendendo que a teoria lhes permite uma compreensão total e global dos fenômenos sociais (GUERRA, 2019).

O Serviço Social possui, hoje, diversas áreas de atuação, mas atua principalmente na intermediação entre a população usuária e as instituições – que oferecem os serviços ou programas de determinada política social. Portanto, a ação profissional se constitui como uma atuação esclarecedora dos direitos da população e dos mecanismos que são necessários para usufruir desses direitos, o que contribui para garantir, minimamente, a reprodução da vida material da classe trabalhadora.

Porém, os assistentes sociais não são solicitados pelas instituições somente pelo caráter técnico-especializado que carrega em sua atuação profissional, trazendo os elementos contraditórios da profissão. São chamados para atuar principalmente através de funções “educativas”, “moralizadoras” e “disciplinadoras”, sendo mediadores entre os interesses da instituição e a revolta da população, eliminando conflitos e controlando as contradições postas pelo capital (IAMAMOTO, 2000).

Percebe-se, então, que as requisições postas aos assistentes sociais, pelo mercado de trabalho, são, muitas vezes, diferentes dos objetivos que pautam a formação dos futuros profissionais, quando essa se alicerça numa perspectiva crítica, tendo como direcionamento as Diretrizes Curriculares da ABEPSS. Desse modo, não cabe à formação acadêmica se adequar às exigências – muitas vezes restritas e tecnicistas – do mercado de trabalho, e sim oferecer aos assistentes sociais a possibilidade de ir além dessas requisições, construindo ações que busquem atender as reais necessidades dos seus usuários.

No conjunto dos debates necessários à formação desse perfil profissional proposto pelas Diretrizes Curriculares, nos parece central aquele que visa desvelar a recorrente, histórica e falaciosa afirmativa de que “na prática a teoria é outra”. Esse debate tem, em seu rol de produções, reflexões ímpares, como as realizadas por Santos (2010), Paula (2016) e Guerra (2019). Isso se deve ao fato de que, em nosso entendimento, que coaduna com o das autoras citadas, teoria e prática são uma unidade indissociável, visto que existem em uma relação dual e complementar.

Nessa direção, compreende-se que, no campo da formação profissional em Serviço Social, urge o aprofundamento dessa discussão para que os discentes possam ser qualificados não apenas para atender às exigências postas pelo mercado de trabalho, mas, para ultrapassá-las com práticas propositivas. Sendo assim, a compreensão da relação entre teoria e prática permite uma apreensão diferenciada do processo histórico e possibilita a construção de estratégias e táticas de intervenção que, de fato, se afinem aos princípios e valores presentes no projeto ético-político crítico do Serviço Social.

A relação teoria e prática: o debate teórico-metodológico no Serviço Social

Muitas são as questões que permeiam a relação complexa e intrínseca entre o campo da teoria e o âmbito da prática profissional no Serviço Social. De acordo com Santos (2010), é muito presente, em meio a nossa categoria profissional, a dificuldade de compreensão dessa relação e, conseqüentemente, da articulação entre o papel da teoria e a potencialidade da intervenção profissional.

Para essa autora, ao longo da trajetória sócio-histórica de nossa profissão, a teoria foi, muitas vezes, apreendida como:

1. algo que se transforma em prática de forma imediata, portanto, “teoria de ruptura” igual à “prática de ruptura”;
2. algo que, por si só, oferece os procedimentos para a intervenção, ou seja, que da teoria se retira, também de forma imediata, instrumentos próprios a ela;
3. análoga à formação profissional (SANTOS, 2010, p. 05).

Enquanto a prática, por vezes, foi compreendida como:

1. sinônimo de instrumentos e técnicas, ou seja, resume-se na utilização de instrumentos e técnicas;
2. análoga ao mercado de trabalho exclusivamente;
3. reduzida à prática profissional (SANTOS, 2010, p. 05).

Segundo Santos (2010, p. 14), “(...) essas manifestações apontam para uma não compreensão de teoria e prática que rebatem na não compreensão de prática profissional”.

Em contraposição a essas compreensões distorcidas, a autora afirma que “teoria e prática mantêm uma relação de unidade na diversidade, formam uma relação intrínseca, sendo o âmbito da primeira o da ‘possibilidade’ e o da segunda o da ‘efetividade’” (SANTOS, 2010, p. 05). Assim, a apreensão de determinada teoria pode incidir na construção de práticas diferenciadas, mas não produz automaticamente ações condizentes com sua perspectiva. A efetividade da ação pertence ao campo da prática e não da teoria. “Transmutar da possibilidade à efetividade requer mediações objetivas e subjetivas que se relacionam” (SANTOS, 2010, 05).

Fundamentando-se na concepção de teoria e prática defendida no materialismo histórico-dialético, Santos (2010) afirma que, segundo Marx e Engels, o homem é um ser ativo e criador, ou seja, essencialmente prático. São os homens que constroem a vida social, ao mesmo tempo em que também são um produto social dela. Nas palavras de Santos (2010, p. 16), “(...) a transformação da natureza pelo homem – o trabalho – é condição necessária da transformação do homem”.

A sociedade é, portanto, resultado da congregação do emaranhado de ações humanas. Com isso, podemos afirmar que existe uma primazia da ação, da prática e da

própria existência humana em relação ao pensamento, à consciência dos homens e à teoria. É a existência de uma prática material que possibilita o pensamento sobre ela, a sua tomada de consciência e o processo de elaborações explicativas que poderão formular teorias.

Corroborando com Santos (2010, p. 18), “(...) o pensamento apenas reconstrói e reproduz o objeto – para que se retorne a ele como um concreto pensado”. Nas palavras do próprio Marx (2008, p. 28), “(...) o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado”.

Nesse sentido, o concreto já existe anteriormente ao que dele possa se pensar, independente do esforço que pode fazer a razão para compreendê-lo. Tudo o que existe em nossa sociedade, portanto, existe independente do possível conhecimento que se possa elaborar a seu respeito. É por meio da ação dos homens – da prática – que o concreto se constitui e “(...) apropriar-se do concreto pelo pensamento é um ato teórico, enquanto o concreto, em si, é um ato prático que está vinculado às necessidades (...)” (SANTOS, 2010, p. 18).

Mas, esse concreto é dinâmico e pode modificar-se. Dessa forma, a teoria que busca desvendar o concreto será sempre aproximativa e nunca o desvelará por completo. Daí a necessidade da constante atualização da teoria, para que ela possa sempre estar o mais próximo possível da realidade que dinâmica permanece em constante mutação.

Desse modo, se a teoria será sempre um conhecimento aproximativo do que existe concretamente, ela não pode ser compreendida como uma fórmula a ser “aplicada” na prática. A teoria não é um modelo a ser seguido, pois sua função é analisar, interpretar, explicar de maneira aproximada aquilo que existe de concreto na sociedade.

Portanto, esse processo do conhecimento que propõe desvendar o concreto não modifica o que está dado na realidade. Como afirma Santos (2010, p. 21 e 22), “(...) a teoria não passa, de imediato, à prática, uma vez que o dado, o concreto – produto das ações práticas do homem – pode continuar o mesmo no plano empírico”. Assim, “(...) o que a teoria modifica, de imediato, é o conhecimento que se tem sobre o concreto, não o próprio concreto” (SANTOS, 2010, p. 22).

Entretanto, se a teoria pode alterar o conhecimento que se tem sobre o concreto, ela pode desvendar possibilidades de ação sobre o real. A teoria não transforma a prática, mas pode transformar o pensamento. E, esse novo pensamento pode impulsionar novas ações. Pois, “somente quando a teoria desvenda a realidade em sua complexidade, ela se torna a força que impulsiona a realidade porque se torna orientadora da prática” (COELHO, 2013, p. 73). É desse modo que a teoria pode muito auxiliar a construção de estratégias e táticas profissionais mais afinadas com o real.

No caso do Serviço Social, pode-se afirmar que a teoria social marxista possui um lugar central, pois é ela que permite ao assistente social realizar uma leitura e uma

interpretação da realidade na qual irá intervir. Mais que isso, a teoria possibilita que o profissional venha a apreender seu objeto de trabalho construindo, a partir dele, seus objetivos profissionais, suas estratégias e táticas de intervenção.

No cotidiano profissional do assistente social, portanto,

A teoria empresta à prática o conhecimento da realidade, a qual é o objeto de transformação; o conhecimento dos meios e de sua utilização, os quais permitem a transformação; o conhecimento da prática acumulada, em forma de teoria; e uma finalidade ideal, que antecipa os resultados objetivos a atingir, o projeto, cujos resultados reais não correspondem às finalidades ideais (SANTOS, 2010, p. 83).

Na realidade, o que o conhecimento teórico pode oferecer ao assistente social é a compreensão da dinâmica social em que se encontram as diversas expressões da questão social que se configuram como objeto de sua intervenção profissional. A teoria oferece a capacidade de reflexão sobre as demandas apresentadas pela população usuária e seus significados sociais. Mas esse conhecimento teórico não se transmuta, instantaneamente, em prática profissional qualificada. Portanto, a compreensão da dinâmica social e das demandas que chegam aos assistentes sociais não lhes oferece automaticamente estratégias e táticas de atuação. Essas precisam ser construídas pelos próprios profissionais no decorrer do seu processo de intervenção na realidade.

Por isso, não existe outro caminho para o assistente social que pretenda compreender a realidade social que o cerca ultrapassando os limites superficiais da aparência dos fenômenos, buscando apreender suas conexões mais essenciais, que não a aproximação com o pensamento marxista. Pensamento esse que nos revela a potencialidade das nossas ações profissionais enquanto práticas inseridas em uma práxis social.

A relação teoria e prática: reflexões no campo da formação profissional

Os dados ora apresentados foram coletados a partir da pesquisa intitulada “A formulação das estratégias político-profissionais e das táticas técnico-operacionais – reflexões sobre a formação e trabalho profissional do assistente social”, realizada com graduandos da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (FSS/UFJF). A pesquisa realizou entrevistas com 31 (trinta e um) discentes – que se dispuseram a essa participação –, num total de 79 (setenta e nove) formandos nos anos de 2016 e 2017, abarcando 39,24% do corpo discente.

Nas entrevistas, realizadas com auxílio de questionário e com prévia autorização dos participantes selecionados, fizemos diversas questões que se relacionam à discussão das estratégias e das táticas no campo do Serviço Social. Partindo da compreensão de que

essas constituem elementos fulcrais que podem contribuir para a compreensão da relação entre teoria e prática (PAULA, 2016), a primeira pergunta realizada aos entrevistados foi: “Na sua opinião, existe a relação entre teoria e prática ao longo do processo de formação em Serviço Social? ”. No presente artigo, haja vista o objetivo de refletir sobre a compreensão desta discussão no campo da formação, debateremos tal questionamento, a partir das respostas dadas pelos discentes dos últimos períodos de graduação da FSS/UFJF.

No universo das 31 respostas que obtivemos, observamos que em 27 (87,09%), a relação entre teoria e prática foi reconhecida, conforme presente nas seguintes afirmações.

Eu acho que existe e é imprescindível para o trabalho do assistente social que exista essa relação, uma vez que a gente trabalha com a análise da realidade para preparar nossa prática profissional (entrevistado/a 1).

Acho que existe (entrevistado/a 25).

Nas outras 4 (12,91%) respostas, 1 (3,22%) entrevistado apontou não observar a existência de relação entre teoria e prática, mas sem aprofundar as razões para tal. Nas outras 3 (9,69%), os entrevistados indicaram a existência da relação, mas a apontaram como frágil por entenderem que “a teoria não se aplica na prática”, ou seja, revelaram em suas compreensões a existência de um distanciamento entre uma e outra.

Dentre os/as 27 que responderam à questão de modo afirmativo, percebeu-se que, embora houvesse o reconhecimento de tal relação, tal compreensão apresentava equívocos na medida em que, em 12 entrevistas (38,7%), os discentes apontaram que a relação teoria e prática existe não durante a formação, mas sim em momentos específicos do curso, donde se deve destacar o estágio, período em que identificam com mais clareza aquilo que entendem como “prática”. Aqui, elencamos algumas respostas que revelam esta apreensão.

(...) eu vejo mais isso quando a gente está no campo de estágio, entendeu? Durante o processo acadêmico, aqui na faculdade, a gente fica a imaginar como que a gente vai aplicar todo esse conhecimento quando a gente estiver no campo de trabalho (entrevistado/a 2).

Eu percebi isso realmente quando eu ingressei no campo de estágio, porque aí, a partir da vivência, do dia-a-dia (...) tem que estar muito articulada a teoria e a prática. Porque tem aquele debate (...) se na teoria a prática é outra, mas aí quando você entra no estágio, você percebe, de fato, que não é bem assim (entrevistado/a 3).

Quando a gente chega no campo de estágio é muito claro (...). A gente estuda muito o capitalismo e a precarização do trabalho, e todas as leis, política social, desmonte da política social e quando a gente chega nos campos vemos isso claríssimo! Claro demais! (entrevistado/a 22).

Sobre essas assertivas, nos pareceu que o entrevistado 3, reconhece a discussão existente no Serviço Social sobre a prática e a teoria não serem dicotômicas, debate

presente na produção de Santos (2010). No entanto, ao afirmar que só percebe a prática quando da entrada no estágio, clarifica, ainda que inconscientemente, incompreensão sobre o que é teoria e o que é prática, pois parece apontar que prática é apenas aquilo que se faz no exercício do estágio efetivamente.

Esse entendimento se expressa em outras respostas que parecem indicar teoria como os estudos realizados nos períodos iniciais do curso, conforme presente nas seguintes assertivas:

A gente inicia a faculdade na teoria; (...) depois que a gente se insere no estágio que a gente consegue ver porque que a gente estuda o que a gente estuda, e como isso influencia na nossa formação (entrevistado/a 8).

Nos primeiros períodos (...) a gente fica muito ligado a teoria, às coisas muito teóricas. É só mais a partir da inserção no campo de estágio mesmo e do sexto período que a gente começa a ter umas disciplinas mais voltadas para a ação profissional. Aí você começa a enxergar que toda teoria que você foi vendo ao longo dos primeiros períodos, começa a se encaixar na prática, no que você realmente vai ter que fazer na prática, mas... dá para fazer essa relação sim ao longo da formação (entrevistado/a 9).

Eu acho que na formação, durante os primeiros períodos, a prática está muito distante do aluno. A gente parece não saber o que um assistente social faz, fica muito distante mesmo. (...). Então foi muito distante do Serviço Social, da prática durante alguns períodos, mas tudo passa a fazer sentido quando você está no quinto e sexto e vai para o campo de estágio, você acaba lembrando das coisas que aprendeu no período que foi mais teórico, aí você vê que tem relação sim entre teoria e prática (entrevistado/a 24).

Nessas respostas, observou-se o entendimento de que a teoria estava contida nos períodos iniciais da graduação – em que são ministradas disciplinas com grande carga de textos e leitura – e a prática, nos períodos finais, principalmente a partir da inserção em campo de estágio e do contato com disciplinas como as Oficinas de Trabalho Profissional I, II e III e as Oficinas de Supervisão de Estágio. Desse modo, embora o entrevistado 9 aponte que é possível fazer relação ao longo da formação, não a localiza em outros momentos do curso a não ser partir da entrada em estágio e do contato com as disciplinas citadas que, na UFJF, são ministradas a partir do sexto período da faculdade, o que revela apreensão ainda insuficiente sobre este debate.

Apontamos, ainda, a presença de uma resposta que indicou que a prática aparece no curso à medida em que os docentes levam exemplos da realidade para a discussão em sala. Ademais, o mesmo entrevistado citou as disciplinas de Laboratório como um lugar de contato com a prática, mas ainda de forma tímida, visto que, mais uma vez, o estágio é enfatizado como o momento em que a prática se efetiva na formação, conforme presente na assertiva abaixo.

Durante o curso eu vejo relação só em forma de exemplos (...), mas em uma ou outra aula. A prática mesmo, ela só é relacionada nos Laboratórios, mas nem chega a ser prática: você consegue ter uma noção mais de como é a prática nos Laboratórios, ao contrário das disciplinas comuns. É no estágio que é a prática

efetivamente, mas nos Laboratórios eu já consegui sentir uma certa aproximação com a prática (entrevistado/a 18).

Diante dessas colocações, é importante refletir sobre como a relação teoria e prática tem sido trabalhada na formação profissional, uma vez que 38,7% das respostas, ao apontarem que só apreendem tal relação a partir do contato com disciplinas sobre o ensino teórico-prático e/ou da inserção em estágio, indicam a permanência da compreensão dicotômica entre teoria e prática. A partir de nossas análises, nos parece que há, entre os/as discentes, o entendimento de que a teoria se localiza no campo estrito do pensamento e a prática no campo estrito da ação. Embora reconheçam a relação entre ambas, essa ainda apresenta debilidades ao passo que parece vigorar o entendimento de que “teoria é o tudo o que se estuda e prática é tudo o que se faz”.

A partir desse entendimento, o estágio seria o espaço para utilizar todo o conhecimento adquirido pelo ideal no real, ou seja, de “aplicar a teoria na prática”, conforme como presente na afirmativa de um entrevistado ao proferir que “a teoria que a gente aprende em sala de aula, no momento que a gente está no campo de estágio, a gente coloca muita dessa teoria em prática” (entrevistado/a 27).

Embora tal entendimento tenha sido hegemônico, isso não significa unanimidade, visto que um entrevistado (3,22%) apontou o seguinte: “a situação aqui não seria a de aplicar a teoria em cima da prática, mas de compreender a prática profissional em cima de uma teoria que seja crítica, que seja com uma intenção de uma outra sociedade” (entrevistado/a 30).

Na direção desse entendimento, que nos parece possuir melhor compreensão sobre a relação entre teoria e prática, outros dois discentes (6,47%) apresentaram respostas que também indicam um adensamento sobre a temática.

Eu vejo isso desde os meus períodos iniciais da faculdade. Eu não vejo uma discrepância, uma diferença entre o que eu vivi no meu campo de estágio, por exemplo, e o que eu estudei na faculdade. Eu consegui associar isso ao longo da minha formação, então eu vejo que isso foi trabalhado ao longo da graduação. Só que às vezes essa apropriação pode ser (...) uma coisa, dentro da formação, colocada a todos, mas que algumas pessoas podem ter absorções diferenciadas dessa unidade que existe entre teoria e prática. (...) eu vejo que eu consegui absorver isso que foi passado na faculdade. Por exemplo, você está num campo de estágio que, dito no senso comum, seria o lugar da prática, você está lá a luz de uma teoria. Então, isso realmente é articulado, assim como você está na academia, você está nessa junção mesmo da teoria e da prática. Não tem essa separação, é realmente uma unidade nesses dois espaços (entrevistado/a 15).

Para mim, elas são indissociáveis. Até porque a teoria ela só é formada a partir de uma certa prática e a prática só pode ser exercida a partir de um efeito da teoria. (...) ao longo do Serviço social a teoria foi mudando, as práticas também foram mudando; eu vejo pelo que agente estuda dos Fundamentos: a cada mudança da conjuntura nacional, da conjuntura mundial, há uma requisição nova ao profissional. Mas eu vejo que a teoria caminha junto com a prática, não dá para dissociar as duas, eu vejo até que não existe uma relação entre a duas: existe uma junção elas, são parte de um todo (entrevistado/a 6).

Com base nessas respostas, pontuamos que existem entre os graduandos compreensões qualificadas no que tange ao objeto de nossas reflexões. Não obstante, o aparecimento desse entendimento em apenas 9,69% das respostas, representando três alunos dentre os 31 entrevistados, indica a urgência de que o debate sobre a relação teoria e prática seja cada vez mais incorporado ao conteúdo das disciplinas desde o momento inicial da graduação, de modo que os discentes possam visualizar tal indissociabilidade concretamente, sem dicotomizar o curso entre “períodos teóricos” e “períodos práticos”, repondo o velho estigma de que a teoria é um conjunto de conhecimentos que devem ser “aplicados” na prática.

Considerações Finais

Compreender a indissociabilidade existente entre teoria e prática é elemento que consideramos essencial para a formulação de estratégias político-profissionais e de táticas técnico-operacionais (PAULA, 2016) que se vinculam ao projeto de formação e de profissão que se defende, cuja base de sustentação se encontra nos princípios e valores do projeto ético-político crítico. Nessa direção, é pertinente – e urgente – que se aprofunde essa discussão no campo da formação acadêmica em Serviço Social para que melhor possamos qualificar os futuros assistentes sociais para intervir na realidade, compreendendo-a em sua dimensão de totalidade e apreendendo suas mediações.

Não obstante, a análise dos resultados das entrevistas realizadas com os discentes dos últimos períodos da Faculdade de Serviço Social/UFJF propiciou reflexões que requisitam extremo cuidado no que tange a apreensão da relação entre teoria e prática: ainda que, no campo do discurso, os/as alunos/as digam que teoria e prática se relacionam, o desdobramento de suas falas indica a permanência da dicotomia que aponta a teoria como algo distinto da prática.

Isso se expressa, principalmente, nos momentos em que indicam a presença da teoria nos primeiros períodos do curso, em que têm contato com disciplinas com grande volume de leitura, e da prática nos momentos em que se inserem no estágio ou nas disciplinas de Oficina e Laboratório. Assim, nos parece que teoria é entendida como mero contato com livros, artigos e produção textual, e prática como sinônimo de estar em atividade, em exercício.

Desse modo, conclui-se apontando que os discentes incorporam em suas respostas o discurso da indissociabilidade entre teoria e prática, mas, concretamente, ainda não compreendem corretamente como ocorre essa relação, haja vista que parecem dicotomizar a formação acadêmica entre “períodos teóricos” (até a entrada no estágio) e “períodos práticos” (após a inserção em estágio).

Postas essas reflexões, reafirmamos a importância de que esta discussão seja transversal aos componentes da formação profissional, no sentido de cumprimento das Diretrizes Curriculares da ABEPSS.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. **Projeto ABEPSS Itinerante. Estágio Supervisionado em Serviço Social**: desfazendo nós e construindo alternativas. Mimeo, 2014.

BACKX, Sheila de Souza. **Serviço Social**: reexaminando sua história. Rio de Janeiro: Jc Editora, 1994.

COELHO, M. **Imediaticidade na prática profissional do assistente social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

GUERRA, Yolanda. **A dimensão técnico-operativa do exercício profissional**. In: SANTOS, C. M.; BACKX, S.; GUERRA, Y. (org). *A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

_____. **No que se sustenta a falácia de que “na prática a teoria é outra”**. 2º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil. Unioste, Campos de Cascável: 2005. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario2/trabalhos/servico_social/mss20.pdf. Acesso em 23 de maio de 2019.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço social**: uma análise do Serviço Social no Brasil pós 64. São Paulo: Cortez, 2010.

ORTIZ, Fátima Grave. **Serviço Social no Brasil**: os fundamentos de sua imagem social e da autoimagem de seus agentes. São Paulo: E-pappers, 2010.

PAULA, Luciana Gonçalves Pereira de. **Estratégias e Táticas**: reflexões no campo do Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

SANTOS, Cláudia Mônica dos. **Na prática a teoria é outra?**. Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.